

Camilo Calazans

Um populista que não fez carreira

No dia 8 de março do ano passado, Camilo Calazans de Magalhães foi recebido com pompa e circunstância no hangar do Banco do Brasil, em Brasília, ao desembarcar de um jatinho que vinha do Rio de Janeiro. Foi carregado nos ombros de funcionários da instituição, mas não adiantava mais nada: ele já estava exonerado pelo presidente da República, atendendo ao pedido feito pelo ministro Mailson da Nóbrega. Este foi mais esperto e exigiu a cabeça de Calazans, que, em movimento de rebeldia semelhantes, já havia ajudado a demolir as gestões de Dilson Funaro e Luiz Carlos Bresser Pereira à frente da Pasta da Fazenda.

Sergipano, 61 anos de idade, Calazans passou grande parte de sua vida dentro do Banco do Brasil, onde foi consultor técnico da Presidência, diretor de Crédito Geral e diretor de Crédito Rural (na chamada 2ª Região, que atendia aos estados do Nordeste). Chegou ao topo da carreira, assumindo a presidência do BB no início da Nova República, depois de ocupar as presidências do Instituto Brasileiro do Café e do Banco do Nordeste durante o regime militar.

Tanto quanto Ronaldo Caiado — que garante conhecer profundamente os temas agropecuários, face a experiência acumulada nas fazendas de Goiás, Calazans também é reputado como um especialista em economia rural. Não só pelo passado que tem no Banco do Brasil, mas, também, por cursos de pós-graduação no exterior: um na Ohio State University, nos Estados Unidos, e outro no Instituto Interamericano de Ciências Agrícolas, no México.

Na presidência do Banco do Brasil, Camilo Calazans teve duas fases muito claras. No

primeiro momento, entre sua posse e o início de 1987, ele aproveitou a abertura política para tentar reconquistar — com sucesso — o papel desempenhado pelo Banco do Brasil no mercado bancário nacional. O BB, no governo Figueiredo, havia sido severamente controlado pelo ministro Ernane Galvães, que encontrou no então presidente da instituição, Osvaldo Colin, um dirigente disciplinado, mas que o quadro funcional do banco considerava excessivamente indulgente com o governo central. Camilo, nesse aspecto, foi um furacão: aumentou a participação do BB no ranking bancário, conseguiu que o BB passasse a operar com leasing e cartão de crédito, ganhou a poupança rural. A partir dele, o BB passou a operar em todos os segmentos do mercado.

Ao comprar uma enorme briga com o influente segmento privado do mercado financeiro, teve que praticar uma estranha política de aliança com os grupos políticos que controlam o funcionalismo do Banco do Brasil. Nesse aspecto, sem dúvida, a sua administração teve uma fronteira muito tênue com o populismo, o que leva muita gente a responsabilizar Camilo pelo que considera de anarquia e indisciplina que passaram a caracterizar grande parte do corpo funcional da Casa.

Foi justamente ao insistir na aprovação de vantagens para os aposentados do Banco do Brasil, que Camilo trombou seriamente com seu colega Mailson da Nóbrega (que foi seu assessor na Diretoria do BB para o Nordeste, durante o governo Geisel). Mailson mandou suspender uma decisão já tomada por Camilo, que concedia aposentadoria integral aos servidores do BB.

Espirito bonachão, bem humorado, Calazans deixou o BB e passou a prestar assessoria aos exportadores do café. Recentemente, desligou-se da Associação Brasileira dos Exportadores de Café, onde chegou a ocupar uma diretoria-executiva, e vinculou-se ao Grupo Viplan (que domina grande parte do transporte urbano do Distrito Federal), tornando-se diretor de uma de suas empresas coligadas, a Transportadora Vadci.